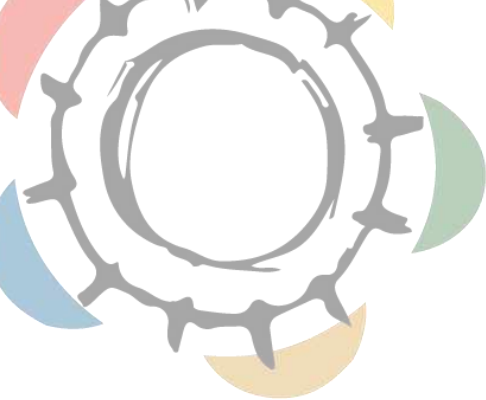




REPLICANDO O PASSADO: SOCIALIZAÇÃO DO ACERVO ARQUEOLÓGICO DO MUSEU GOELDI ATRAVÉS DO ARTESANATO CERÂMICO DE ICOARACI

Helena Pinto Lima

Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG, helenalima@museu-goeldi.br

Cristiana Barreto

Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG, cristianabarreto@gmail.com

Marcelle Rolim de Souza Lima

Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG, marcellerolim@gmail.com

Caroline Barros Soares

Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG, carolinebarros1708@hotmail.com

Deo Almeida

Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG, ceramicadeoalmeida@gmail.com

Marivaldo Sena

Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG, marivaldoartes@hotmail.com

Leonardo Lopes

Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG, leonardolopes@museu-goeldi.br

João Sarmento

Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG

Stéfano Cúnico

Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG

Josué Pereira

Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG

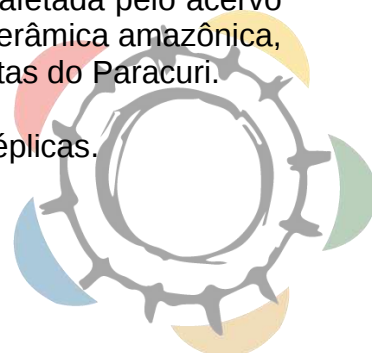
Erêndira Oliveira

Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG

Resumo

Replicando o Passado é uma tecnologia social que se estrutura em torno do estudo e experimentações com réplicas artesanais como meio de extroversão dos acervos de cerâmicas arqueológicas do Museu Goeldi, desenvolvida em parceria com ceramistas de Icoaraci. É um projeto colaborativo que alia a divulgação do acervo de cerâmicas arqueológicas do Museu à revitalização do artesanato cerâmico da comunidade oleira do Paracuri em Icoaraci (Belém-PA). É uma ação que convida para dentro da reserva técnica uma comunidade local que é extremamente envolvida e afetada pelo acervo do Museu, reavivando a milenar tradição do saber fazer da arte cerâmica amazônica, pelas mãos, aqui capacitadas e valorizadas, dos artistas-ceramistas do Paracuri.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Arqueologia. Cerâmicas. Réplicas.



1 Introdução: história de uma parceria

Recentemente cadastrado enquanto uma tecnologia social, o projeto “Replicando o Passado: Socialização do acervo arqueológico do Museu Goeldi através do artesanato cerâmico de Icoaraci” vem sendo desenvolvido desde 2016. É um projeto colaborativo com o objetivo de aliar a divulgação do acervo de cerâmicas arqueológicas do Museu Goeldi à revitalização do artesanato cerâmico da comunidade oleira de Icoaraci, que há tempos vem se inspirando nas artes indígenas do passado amazônico.

A ideia central do projeto Replicando o Passado, desde o seu início, foi a de implementar um projeto colaborativo, uma troca de saberes entre os estudos arqueológicos das cerâmicas e os conhecimentos práticos de ceramistas. Além da capacitação de artesãos para a produção qualificada de réplicas artesanais, o projeto visa ampliar a discussão sobre a produção de réplicas e seu uso em museus e coleções didáticas em geral. É concebido não só enquanto parte de uma política de acervo, visando preservar as peças originais e ampliar o potencial educativo deste patrimônio, mas também como uma ação que busca incluir uma comunidade local extremamente envolvida e afetada pelo acervo do Museu.

Abrindo as portas da Reserva Técnica e proporcionando aos artesãos o contato direto com as peças arqueológicas a equipe do Museu oferece também oficinas sobre as diferentes culturas arqueológicas e suas cerâmicas assim como sobre o tema de réplicas em museus. A contrapartida inicial proposta aos ceramistas foi a confecção de coleções didáticas, réplicas que pudessem ser utilizadas tanto em eventos educativos, mas que também pudessem servir de referência (modelos) para toda a comunidade oleira de Icoaraci.

A possibilidade de produção das peças com acesso direto aos originais, tem sido um fator de enorme impacto na motivação dos artesãos que logo perceberam o potencial para a produção de réplicas de maior precisão. Muitos conheciam as peças arqueológicas apenas através de fotografias de catálogos e revistas, imagens estas que nem sempre retratavam todos os lados da peça ou tampouco apresentavam uma escala aproximada da original. Além disso, a agregação de ‘valor cultural’ (com informações arqueológicas e sobre a história das peças em suas formas de apresentação, como a embalagem, etiquetas informativas e folheto sobre o projeto) também foi reconhecida pelo grupo, tanto pelas possibilidades de comercialização de um produto diferenciado, como pela revitalização da arte oleira, e do reconhecimento deste importante saber-fazer da cerâmica no passado e no presente. Logo construiu-se uma arena de diálogo entre o grupo de artesãos e arqueólogos onde, face à necessidade de algumas escolhas fundamentais de procedimento, foram discutidos temas desde a certificação de réplicas, até problemas técnicos específicos na cadeia operatória de confecção das peças.

Alguns dos objetivos específicos do projeto foram sendo delineados ao longo da interlocução dos participantes, ceramistas, arqueólogas e curadoras:

- Produzir duas coleções didáticas de réplicas de peças arqueológicas de referência, uma para o Museu Goeldi e outra para a comunidade ceramista de Icoaraci;
- Promover o uso das coleções didáticas em ações educativas junto às escolas e na divulgação do patrimônio arqueológico por meio de exposições;
- Ampliar as formas sensoriais de acessibilidade ao acervo, tanto nas visitas à reserva como nas exposições, permitindo o aprendizado pelo tato, recurso importante sobretudo voltado aos visitantes deficientes visuais;

- Promover e ampliar o alcance público do acervo arqueológico, através não só da exposição e venda das réplicas, mas de conteúdos associados às peças replicadas com folhetos e etiquetas que falam dos contextos arqueológicos;
- Agregar valor cultural aos produtos artesanais de Icoaraci com base no conhecimento arqueológico produzido pelo Museu Goeldi;
- Qualificar e impulsionar a arte cerâmica em Icoaraci, revitalizando este saber-fazer através de peças artesanais de alta qualidade;
- Contribuir para o combate à venda ilegal de peças arqueológicas originais, possibilitando a compra de réplicas como alternativa.

A Fundação Banco do Brasil define tecnologia social como “produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social” (BB, 2023:4). Está, portanto, relacionada à solução de problemas claros e específicos, e que essas soluções sejam efetivas e reaplicáveis, propiciando o desenvolvimento social em escala. Por isso, em 2022, o projeto foi enquadrado enquanto uma tecnologia social, na medida em que atende a demandas específicas daquela comunidade e cria uma metodologia reaplicável em outros contextos museais.

Além disso, “Replicando o Passado”, valoriza as biografias dos artesãos, das peças reproduzidas e as culturas arqueológicas da Amazônia. Apresenta as cerâmicas arqueológicas com linguagens acessíveis, inclusive táteis, a um público mais amplo e inclusivo e, neste sentido, amplia os diálogos em torno do patrimônio arqueológico da Amazônia e expande o potencial educacional das réplicas artesanais desenvolvidas no projeto, inclusive a públicos com pessoas com deficiência, na medida em que as peças podem ser manuseadas. O conceito de Tecnologia Social se refere a uma “proposta inovadora de desenvolvimento, considerando uma abordagem construtivista na participação coletiva do processo de organização, desenvolvimento e implementação, aliando saber popular, organização social e conhecimento técnico-científico” (MCTI, 2023).

Sendo uma proposta que não envolve o repasse direto de recursos financeiros ou possui fontes externas de financiamento, é natural que o grupo vá se estabelecendo de maneira lenta e gradual, na medida em que os ceramistas e demais participantes vão se comprometendo e se engajando na proposta. Com apenas alguns anos de desenvolvimento, temos hoje um grupo muito bem estabelecido e consolidado, que tem desenvolvido as ações, não somente de produção, mas também da extroversão do acervo em diversas circunstâncias.

Inicialmente as ações se organizaram em torno das sessões de trabalho e discussões semanais, que incluem oficinas sobre arqueologia, cerâmicas amazônicas e réplicas, visitas à reserva técnica, e o estudo e a reprodução de peças arqueológicas selecionadas. Os encontros semanais continuam a se dar no Museu, onde já há um espaço reservado para o projeto, quando as réplicas são feitas pelo grupo tendo as peças originais à sua frente. Além da confecção das réplicas há o contato informal com pesquisadores e funcionários do Museu, com outros materiais estudados que estão sobre as mesas dos laboratórios e com estudantes e especialistas que constantemente visitam os laboratórios e a reserva.

Uma preocupação marcante trazida pelos ceramistas era a ideia da “perfeição” de uma réplica, ou de uma réplica “autorizada” ou chancelada pelo Museu Goeldi, o que também poderia agregar valor comercial às peças, o que logo engendrou uma profunda discussão e reflexão sobre o que são de fato réplicas arqueológicas, as diferenças entre réplicas científicas e artesanais, como outros museus do mundo lidam

com a confecção e venda de réplicas, e outras questões relacionadas aos métodos de confecção.

Assim, ao longo deste diálogo, foram surgindo escolhas que direcionaram o desenvolvimento do projeto, como, decisões sobre quais peças replicar e em que estado; se como foram encontradas no contexto arqueológicos, se restauradas, como estão no museu hoje, ou como teriam sido em seu projeto original. Outro direcionamento foi a necessidade de sessões de avaliação das peças e de uma marcação física sobre elas que identificasse o exemplar e o projeto. Logo sentiu-se a necessidade de produzir materiais de divulgação do projeto e mapear as opções de comercialização das peças, para além da participação do grupo em eventos educativos. Este último aspecto tem fortalecido cada vez mais tanto a coesão e identidade do grupo ceramista, como também a atuação do Museu Goeldi junto às escolas e comunidades de Belém e de outras localidades, fortalecendo sua missão institucional de realizar pesquisas, promover a inovação científica, formar recursos humanos, conservar acervos e comunicar conhecimentos nas áreas de ciências naturais e humanas relacionados à Amazônia.

As peças produzidas formaram duas versões de uma coleção didática de réplicas; uma para uso no Museu em ações educativas e para acessibilidade, e outra para a comunidade do Paracuri, como referência para os ceramistas. A partir do estudo inicial das peças e das coleções didáticas, se tem realizado a produção de réplicas e miniaturas certificadas para a venda na loja do Museu Goeldi, e em outros eventos científicos e educativos. Desde então uma série de ações de extroversão e educativas junto a escolas e à comunidade têm sido desenvolvidas, como a participação dos ceramistas no programa “Museu de Portas Abertas”, em exposições, recebendo escolas etc. (LIMA, 2023; SOUZA LIMA, 2022).



FIGURA 1: Aspecto das réplicas e miniatura produzidas pelo projeto, ao lado de originais no laboratório da Reserva Técnica Mario Ferreira Simões no Museu Goeldi. (Foto: acervo MPEG).

2 Arte oleira da cerâmica Paracuri (Icoaraci/Belém/PA)

Qualquer turista que vá a Amazônia, especialmente Belém, logo entra em contato com um item muito popular no universo dos suvenires: a cerâmica Paracuri.

Vão de vasos enormes entalhados e pintados, a pequenas peças como cinzeiros e potinhos, por vezes com inscrições em relevo como “Belém 2023”. Esse estilo de cerâmica, já bem distante da cerâmica arqueológica marajoara original, vem da criação da comunidade oleira do Paracuri e é hoje um ícone do artesanato amazônico.

A arte cerâmica do Paracuri tem uma longa relação com as tradições cerâmicas arqueológicas da Amazônia. Embora inicialmente a produção tradicional das olarias consistisse em peças utilitárias, a partir da década de 1960 surgiram os estilos inspirados na cerâmica arqueológica. Um marco importante foi o legado do Mestre Raimundo Saraiva Cardoso, que a partir de 1968 iniciou a produção de réplicas artesanais com o apoio de pesquisadores da área de arqueologia do Museu Goeldi.

Outra iniciativa importante foi a parceria entre o Sebrae e o Museu Goeldi para o curso “Culturas Pré-históricas da Amazônia” ministrado no museu em 1998 no qual participaram oleiros de Icoaraci. Esta parceria resultou na publicação “Arte da Terra: resgate da cultura material e iconográfica do Pará” cujas ilustrações vêm servindo de modelo para muitos ceramistas.

A partir de então, a cerâmica com referências arqueológicas deu um grande impulso comercial e turístico às olarias locais. Mais tarde os artesãos passam a incorporar variados estilos de cerâmica arqueológica, incluindo além das referências marajoaras, também as cerâmicas tapajônicas, Maracá, e motivos de arte rupestre. Hoje, nos mercados de artesanato de Belém, o turista se depara com esta cerâmica, que embute hibridismos entre estilos arqueológicos e locais únicos, o que veio a ser chamado de estilo Paracuri: no qual a inspiração vinda dos desenhos e técnicas das cerâmicas e outros registros arqueológicos, como a arte rupestre, vem alimentando composições cada vez mais complexas e híbridas, onde o mercado não deixa de ter também uma forte influência.

Porém, ao longo desta história, pouco do conhecimento sobre o passado arqueológico da região veio sendo incorporado nos objetos; os desenhos modificados acabam esvaziados de seus significados originais para se tornarem apenas emblemas de uma identidade amazônica genérica (BARRETO, 2003, 2022; SCHAAN, 2006). O projeto Replicando o Passado procura fazer uma intervenção nesta história, aproximando artesãos ceramistas da comunidade do Paracuri à coleção arqueológica do Museu Goeldi para, em torno da produção de réplicas artesanais, trocar conhecimentos, produzir materiais didáticos, agregar valor ao artesanato cerâmico local e divulgar o conhecimento arqueológico através dessa arte.

O resgate de estilos cerâmicos arqueológicos, com a reintrodução de técnicas indígenas, como por exemplo, o uso de roletes em vez do torno, e o estímulo à experimentação atuam como forma de revitalização da arte oleira local e, portanto, da própria comunidade. Além disso, esse resgate também cria a oportunidade de se produzir uma nova linha de cerâmicas com referências arqueológicas, agora voltada para a ideia de réplicas criteriosas. Em termos de mercado, isso poderá não só favorecer a comunidade oleira do Paracuri, mas ajudar no combate ao tráfico e compra ilegal de objetos arqueológicos, oferecendo uma alternativa para os colecionadores.

Assim, o distrito de Icoaraci se desenvolveu e é ainda hoje um reconhecido polo de produção artesanal de cerâmica do Estado do Pará, inclusive com reconhecimento internacional. A atividade cerâmica no bairro do Paracuri, além de ter sido no passado o ofício dominante da localidade, e de continuar exercendo um papel fundamental na atividade econômica do bairro, moldou a identidade cultural desta comunidade, gerando uma influência cultural que ultrapassa os limites das olarias e se incorpora ao cotidiano da população, como se pode observar no vocabulário dos moradores, no colorido das lojas de cerâmica, no costume de colocar as peças para secar na frente

das casas, na imagem do carroceiro que transporta a argila e no uso das cerâmicas para fins gastronômicos, decorativos e artísticos (XAVIER, 2006; SOUZA, 2010).

Com essa tradição de trabalho familiar, esses expoentes da cultura paraense vivem de seu ofício de ceramista, seja com seus próprios ateliês ou como oficineiros, repassando sua arte e conhecimento. Por sua vividez na vida da comunidade, a arte cerâmica de Icoaraci foi instituída como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Município de Belém (Lei nº. 9.743/2022), esse reconhecimento permite maior visibilidade e reconhecimento aos mestres e ao ofício de ceramista do Paracuri. Permite, ainda, que a comunidade se mobilize frente às ameaças contemporâneas, a este saber-fazer, como a poluição do igarapé Livramento e do rio Paracuri; a diminuição das jazidas de argila; e o fechamento de olarias com diminuição da produção ceramista local. Assim, apesar de a cerâmica ser atualmente um atrativo turístico, a demanda do mercado tem diminuído, afetando diretamente a população que depende de seu comércio.

As oficinas em funcionamento vivenciam precariedade em termos de estrutura de trabalho, escassez de mão de obra e dificuldade de escoamento de produção. Hoje os mestres artesãos se encontram em idade avançada, dificultando a transmissão deste conhecimento tradicional. Ademais, com as dificuldades expostas, os jovens icoaracienses não têm interesse em dar continuidade ao ofício familiar. É neste contexto que a proposta do projeto Replicando o Passado vem atraindo ceramistas do Paracuri. Ainda que conscientes de que muitos dos problemas que enfrentam só venham a ser suplantados a partir de novas políticas públicas, estes estão também esperançosos com a nova parceria com o Museu Goeldi, que além de lhes trazer alguma visibilidade também é um parceiro que reconhece e incentiva sua arte oleira.

3 O Museu Goeldi e as cerâmicas arqueológicas da Amazônia pelas mãos dos ceramistas do Paracuri

O acervo arqueológico do MPEG possui atualmente mais de 3 mil objetos inteiros ou semi-inteiros e milhões de fragmentos cerâmicos e líticos, além de uma considerável quantidade de material ósseo, botânico e malacológico. As coleções de arqueologia e etnografia do Museu Goeldi são tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural do Brasil desde a década de 1940 e estão entre as primeiras coleções arqueológicas tombadas no país. Dentre as novas diretrizes curatoriais da RTMFS/MPEG, se procura reconectar contextos culturalmente significativos com as populações para as quais estes acervos fazem sentido (LIMA; BARRETO, 2020; SOUZA LIMA, et al., 2020). Além disso, temos trabalhado em sua socialização junto à sociedade em diferentes frentes.

Ao longo de 157 anos, o Museu Goeldi vem se consolidando não somente nas pesquisas científicas, mas também na divulgação de conhecimentos e acervos relacionados à região. As peças ali salvaguardadas, a maioria cerâmicas, são referências únicas da diversidade sociocultural da Amazônia antiga e revelam os diferentes processos históricos que levaram a essa diversidade. São fontes de pesquisa indispensáveis para quem quer conhecer e apreciar os conhecimentos das culturas amazônicas do passado e do presente. A transformação da reserva técnica em espaço visitável foi o primeiro passo para que o acervo pudesse ser mostrado a grupos de visitantes, de especialistas a estudantes. Graças a esta abertura da reserva é possível também receber os ceramistas, participantes ou não do projeto Replicando o Passado (LIMA et al, 2018).

As pesquisas arqueológicas vêm evidenciando uma diversidade enorme de vestígios deixados pelos povos indígenas que ocuparam e ainda ocupam a Amazônia, parte de uma história com mais de 12.000 anos de duração. Uma categoria muito frequente de vestígios encontrados por arqueólogos e moradores de comunidades na região são os fragmentos de vasilhas e potes cerâmicos. Os vestígios de cerâmica encontrados na Amazônia são os mais antigos das Américas.

A partir dos fragmentos e dos contextos em que são encontrados é possível conhecer as técnicas e os estilos decorativos usados pelos antigos povos indígenas para fazer suas cerâmicas, e também um pouco sobre os seus modos de vida. Além da cerâmica Marajoara, hoje mais conhecida pelo artesanato inspirado na tradição arqueológica, inúmeras outras tradições cerâmicas povoam o nosso passado indígena.

Na Amazônia, povos indígenas desenvolveram esse conhecimento há 7 mil anos atrás, e perdura até os dias atuais. Há tantos modos diferentes de fazer cerâmica quantas são as línguas e culturas indígenas, formando um fantástico e complexo mosaico de formas e estilos regionais. Objetos cerâmicos da Amazônia indígena vão desde vasilhas para guardar e cozinhar alimentos, a belos adornos, instrumentos musicais, brinquedos e objetos rituais, como as urnas funerárias (BARRETO, et al., 2016).

Apesar da diversidade de tradições ceramistas, os povos indígenas da Amazônia compartilham elementos específicos deste saber fazer. No preparo da pasta de argila, adicionam ingredientes variados para evitar a quebra das paredes e melhorar a irradiação do calor quando as vasilhas vão ao fogo. Cinzas de cascas de certas árvores (caraipé) deixam as peças mais leves, enquanto espículas de esponjas (cauxí) as deixam mais resistentes à quebra. Podem adicionar também caco moído (também conhecido como chamote), quartzo triturado ou areia, ou ainda conchas, de forma a obter vasilhas muito resistentes, duradouras e eficientes na sua função de guardar e cozer alimentos.

Outro elemento em comum é a montagem das vasilhas com roletes adicionados um sobre os outros, o que confere também uma boa resistência às paredes. Assim, apesar de não utilizarem o torno, constroem vasilhas de grandes dimensões, muitas vezes finíssimas. Outra expertise indígena é a decoração das vasilhas, usando técnicas distintas, pintura, incisões, modelagem, aplicação de resina etc. para transporem ao objeto cerâmico seus grafismos e imagens tradicionais.

Somente no período mais recente, pouco antes da invasão europeia, conhecemos as cerâmicas tapajônicas da região de Santarém, as cerâmicas Maracá e Aristé do Amapá, a cerâmica Koriabo, encontrada por toda a baixa Amazônia e Guianas, e as cerâmicas policromas que se distribuem ao longo do Solimões, de Manaus até o Peru e o Equador. Muitas outras tradições mais antigas são conhecidas e nos ajudam a melhor entender a diversidade cultural dos povos indígenas no passado e no presente.

O acesso dos ceramistas às peças originais proporcionado pelo Museu, as aulas e oficinas sobre arqueologia amazônica, a possibilidade de exposição e venda na loja do museu e em eventos científicos e, sobretudo, o reconhecimento de sua arte como parte de um programa educativo sobre o patrimônio cultural amazônico, são fatores decisivos para o seu comprometimento ao projeto Replicando o Passado.

Outro fator importante vem sendo a coesão do grupo que aos poucos vem formando sua identidade através do projeto. Antes acostumados ao trabalho individual, cada um em suas oficinas, o trabalho em conjunto no Museu, propicia o cotejamento e a troca de técnicas e saberes, o estabelecimento de expertises próprias

e compartilhadas, além de relações de ensino-aprendizado entre os ceramistas, e entre ceramistas, arqueólogos e a equipe técnica da curadoria do Museu.

Do ponto de vista do Museu Goeldi, o projeto cumpre sua função de salvaguarda e socialização dos acervos arqueológicos de forma criativa, fazendo um esforço para a divulgação de seu acervo arqueológico de forma colaborativa e inclusiva (LIMA, et al., 2018). Em um momento em que no Brasil a falta de recursos atinge de forma desastrosa os museus e seus acervos, a exemplo da tragédia ocorrida com o incêndio do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, entendemos que projetos de baixo custo como este, e que atuem na interface da extroversão do conhecimento com comunidades artesãs e turismo apresentam um grande potencial para mudanças positivas concretas (LIMA; BARRETO, 2020).

Assim, de forma compromissada, mas sensível às realidades tanto das comunidades envolvidas como do Museu Goeldi, as ações do projeto atingem públicos diferenciados e integram temas caros à preservação do patrimônio arqueológico e cultural da Amazônia. Aborda o turismo, a comercialização, o tráfico, as cerâmicas arqueológicas, sua salvaguarda e extroversão através de ações educativas, e a revitalização e valorização do saber-fazer cerâmica e da tradição familiar ceramista. A ação se insere, portanto, tanto nas discussões museológicas sobre a produção e uso de réplicas em museus para fins didáticos e como na preservação do patrimônio original.



FIGURA 2: Ceramistas do Paracuri em reunião de trabalho inicial do projeto, no laboratório da Reserva Técnica Mario Ferreira Simões no Museu Goeldi. (Foto: acervo MPEG).

4 Métodos

O projeto acontece de forma orgânica pela equipe de curadoria do MPEG, sendo aberto à participação de artesãos ceramistas, assim como de designers e estudiosos de cerâmica em geral.

As primeiras ações incluem oficinas com os artesãos sobre réplicas e visitas à reserva técnica. Em seguida, passam ao estudo técnico de cada peça a ser replicada (diâmetro, altura, composição da massa cerâmica, pigmentos, definição da técnica de modelagem e queima). A reprodução do conjunto de peças criteriosamente escolhidas se dá a partir da observação direta dos originais. Assim o projeto se organiza em torno de sessões de trabalho e discussões semanais, que incluem:

- seminários e palestras sobre cerâmicas arqueológicas na Amazônia, definições e usos de réplicas em museus;
- a seleção das peças a serem replicadas, considerando a relevância arqueológica e histórica da peça, valor didático, estética, dificuldade de replicação, mercado, etc.;
- a definição de critérios para a produção das réplicas e miniaturas;
- a confecção das peças e coleções de referência com observação direta das peças originais no Museu Goeldi;
- a avaliação dessas peças em comparação às originais;
- a incorporação das coleções didáticas em ações educativas do Museu Goeldi junto às escolas de Belém ampliando a acessibilidade ao acervo;
- projeto de apresentação dos produtos para a venda, incluindo embalagens e etiquetas, definição de critérios para comercialização, etc.

4.1 Oficinas, palestras e discussões

Através da capacitação de artesãos para a produção qualificada de réplicas e miniaturas de peças cerâmicas do acervo do Museu Goeldi, o projeto foi inaugurado com o acesso dos artesãos à Reserva Técnica Mario Ferreira Simões e a realização de oficinas sobre réplicas e critérios de reprodução, de forma a se estabelecer um grupo de artesãos que atuam juntamente com a equipe curatorial do museu na escolha e métodos e das peças a serem reproduzidas.

A apresentação do acervo aos ceramistas foi feita de modo a contemplar o conhecimento adquirido pelas pesquisas arqueológicas sobre as principais culturas representadas no acervo cerâmico do Museu. Nesta apresentação dos contextos arqueológicos foi dada importância particular ao que se conhece sobre as técnicas de confecção, assim como sobre os estudos iconográficos, os princípios estéticos que norteavam a produção cerâmica em cada cultura e seus significados simbólicos.

4.2 A seleção e estudo das peças

As peças reproduzidas foram escolhidas de forma a contemplar peças ícones do Museu Goeldi, tanto por sua história, incluindo aqui não só o contexto em que foram encontradas, mas também a história dos coletores e da própria pesquisa arqueológica no Museu Goeldi. Além disso, pesaram na escolha também a complexidade tecnológica e a estética de cada peça. Assim, a seleção inicial cobriu a variedade de culturas representadas nas cerâmicas do acervo. Entre elas estão vasilhas, pratos, estatuetas e urnas funerárias das culturas Marajoara, Tapajônica, Maracá, Aristé e outras. São culturas que floresceram no baixo Amazonas a partir de aproximadamente 1500 anos atrás, tendo desenvolvido estilos cerâmicos próprios. Muitas das peças escolhidas foram coletadas por personagens famosos da arqueologia amazônica, como Emílio Goeldi, Curt Nimuendaju e Betty Meggers.

Muitas das peças escolhidas já constavam no repertório de alguns dos ceramistas, e eram reproduzidas de forma mais ou menos fidedignas, às vezes variando bastante nas dimensões e detalhes decorativos. Algumas das peças eram nomeadas por eles com nomes como “estatueta falo”, “pé na boca” ou “vasilha urubu”. Com o acesso aos originais e seus contextos, estes nomes se mantiveram, mas o entendimento sobre as peças se modificou consideravelmente.

Além da escolha das peças, foi preciso também escolher o estado em que estas seriam reproduzidas: se como foram encontradas no sítio arqueológico, por vezes fragmentadas e com perdas cromáticas; se como foram feitas originalmente, exigindo um esforço de reconstrução do projeto original, nem sempre possível devido a partes faltantes, ou se como se encontram hoje na reserva, em muitos casos, restauradas e reconstruídas. As peças produzidas formaram então duas coleções, sendo uma didática para uso do museu em ações educativas, e uma de referência para uso dos artesãos para posteriores reproduções. Até o momento foram escolhidas 21 peças para serem replicadas, formando um bom conjunto amostral do acervo do Museu.

4.3 A reprodução das peças

Dentre os critérios estabelecidos para as reproduções foram considerados aspectos relativos aos volumes, formas, texturas e desenhos das cerâmicas arqueológicas de modo a atingir o máximo de semelhança com as peças originais. Contudo as réplicas carregam em si as habilidades e os gestos artísticos individuais de cada artesão e por isso diferem das réplicas científicas feitas por moldes ou escaneamento. Este aspecto, muito debatido no grupo, fez com que o trabalho fosse orientado para que se valorizasse ao máximo a expertise artesanal de cada ceramista, de forma que cada um, dentro de suas ‘especialidades’ contribuísse para que a reprodução fosse a mais fidedigna possível.

De certa forma, este ponto acabou contribuindo para a própria identidade do projeto, deixando claro em seu material de divulgação que as peças reproduzidas são artesanais e diferenciam-se de réplicas científicas, hoje feitas em alguns museus através de tecnologias de escaneamento e impressão em 3D. Assim, a escolha pelas reproduções artesanais reafirma um dos principais objetivos do projeto que é o de estimular o artesanato cerâmico inspirado nas cerâmicas arqueológicas.

Além dos aspectos visuais, as reproduções são feitas seguindo algumas das técnicas usadas nas peças originais, a começar pelo tratamento da argila com a adição do chamote (ou cerâmica moída), a montagem das vasilhas por roletes e o acabamento e decoração tradicionais, com o uso do engobo, pinturas, incisões, excisões e apliques, combinados de forma variada segundo cada estilo.

Durante as primeiras etapas de confecção das peças, dois desafios técnicos se mostraram logo de início: o cálculo da dimensão da peça antes da queima para que atingisse os mesmos volumes que a peça original após a queima, e o uso de pigmentos para se obter as tonalidades exatas dos motivos pintados após a queima. Com a prática, estes desafios vêm sendo superados em cada coleção e em suas sucessivas sessões de avaliação.

Assim vemos que os ceramistas estão também renovando o seu saber-fazer, não apenas com a iconografia, mas também com a experimentação de técnicas diferentes das tradicionalmente usadas no Paracuri. Enquanto todas as olarias daquela localidade trabalham a cerâmica com o uso do torno, as técnicas indígenas, milenares, modelam as peças pela sobreposição de roletes. Igualmente, o estudo e a experimentação com as réplicas vêm estimulando o uso de diferentes argilas e

antiplásticos, tecnologias que também não eram exploradas nas cerâmicas comerciais de Icoaraci. Vemos com essas experiências que o projeto tem o potencial transformador de uma comunidade.



FIGURA 3: A preparação da argila com a adição do chamote (caco moído) e o uso de roletes para a composição das paredes são algumas técnicas indígenas recuperadas na confecção das réplicas (Fotos: Cristiana Barreto).

4.4 Avaliação e certificação das peças

Uma norma importante, discutida e adotada também logo no início do projeto, era de que todas as atividades deveriam respeitar a integridade da peça original, e que todas as reproduções deveriam ser marcadas de forma permanente sempre indicando de que não se trata da peça original, respeitando-se assim o Código de ética do ICOM (2006). Com este intuito criou-se um carimbo aplicado às peças expostas e/ou comercializadas pelo projeto.

Uma vez prontas as coleções produzidas passam por sessões de avaliação, onde ao lado das peças originais são comparados e discutidos vários aspectos, como as dimensões e proporções das peças, as texturas e colorações finais, as principais dificuldades, enfim, erros e acertos e proposições de como superá-los. Ali são feitas as decisões de quais peças podem de fato ser veiculadas em ações educativas, expostas e vendidas como peças do projeto Replicando o Passado. As avaliações das réplicas são amplamente documentadas por meio de formulários específicos, e fotografias.



4.5 Identidade e comunicação visual

A produção do carimbo para a marcação das réplicas logo engendrou também a necessidade de se ter uma identidade visual que ajudasse a divulgar o projeto e que pudesse acompanhar todo o material informativo sobre as peças, os artesãos e o projeto em si. A colaboração da designer Lídia Abrahim, com bastante experiência em produção de artesanato, foi fundamental para que fossem produzidos os folhetos explicativos sobre os projetos e as etiquetas individualizadas para cada peça, onde se conta com informações detalhadas sobre a peça original, a cultura arqueológica de onde ela provém, as cerâmicas de Icoaraci e o Museu Goeldi. Os textos das etiquetas foram escritos pela curadoria do Museu a partir da discussão e aprovação dos ceramistas.

Para a identidade visual do projeto foi utilizada a imagem de uma peça icônica do Museu, uma urna funerária coletada pelo próprio zoólogo Emílio Goeldi em 1895, uma das primeiras coleções arqueológicas a serem constituídas a partir de pesquisa

arqueológica no então Museu Paraense que mais tarde adicionaria o nome do pesquisador ao do museu.



FIGURA 5: Esquerda: identidade visual do projeto a partir de peça icônica do Museu coletada por Emílio Goeldi em 1895. Ao centro: Etiquetas com textos sobre o projeto, a cerâmica do Paracuri e a peça arqueológica. Direita: peças etiquetadas para a venda no evento científico Belém+30 (2018).

5 Resultados alcançados: um balanço

Com um conjunto amplo e abrangente de ações, “Replicando o Passado” atingiu um público extremamente amplo e diversificado: de Norte a Sul do país, oriundos de diferentes classes sociais e nichos socioculturais, inclusive grupos com necessidades específicas para acesso e acessibilidade.

Além da produção das duas coleções – uma coleção didática para o museu e outra de referência para os ceramistas, com 21 peças cada uma, das culturas Marajoara, Santarém, Aristé e Maracá, a venda das peças – sobretudo de miniaturas – vem auxiliando em sua renda familiar e, por conseguinte, na manutenção e estímulo ao ofício oleiro daquela localidade.

Em diferentes níveis, os públicos mais variados tiveram formas de benefício – seja diretamente pela produção das réplicas, seja pelas ações educativas associadas ao acervo.

Para os moradores do bairro do Paracuri em Icoaraci, o projeto tem grande potencial para resultar numa sensibilização dessas pessoas sobre a importância da preservação daquilo que pode levá-los a conhecer sua própria história e compreender seu modo de vida. O conhecimento produzido tem beneficiado as olarias do Paracuri partícipes do projeto diretamente, incluindo os ceramistas e seus familiares. De forma indireta, citamos a exposição realizada em 2023 na Estação Cultural de Icoaraci, que trouxe grande público local.

Para as escolas de Belém, incluindo alunos de todas as idades que se beneficiaram das experiências e seus professores, ao terem contato com a arqueologia amazônica, passam a conhecer e valorizar mais suas raízes indígenas e história da Amazônia. Sabemos que ainda somos carentes de materiais de apoio para escolas, e a possibilidade da experiência, da vivência e do manuseio das peças e

todas as informações que carregam, podem despertar a curiosidade e sim mudar a vida de muitas crianças e jovens. Não somente em relação aos povos do passado, mas também para valorização desses jovens do saber-fazer, do ofício tradicional dos ceramistas atuais, esses moradores do Paracuri.

Para os colecionadores e compradores de obras de arte, o acesso a réplicas certificadas por um Museu de renome como o Goeldi, deixam de ter razão para comprar peças originais – o que é ilegal. Também é importante divulgar este patrimônio – tanto arqueológico como o ofício ceramista – junto a esses públicos que muitas vezes possuem mais recursos, como os frequentadores de exposições de arte e conhecedores de museus de todo o mundo, mas que muitas vezes não valorizam os saberes locais, quer por preconceito com as culturas indígenas, quer por falta de informação. Muitos são “formadores de opinião” e, neste sentido, o projeto pode fornecer subsídios para aproximar as elites das realidades indígenas amazônicas e melhorar o nosso Brasil tão desigual.

Para moradores do sul do país e estrangeiros, para quem muitas vezes a cultura amazônica é tão distante e desconhecida, a arqueologia - trazendo a arte dos povos indígenas do passado -, pode atuar como uma grande janela para aproximá-los das realidades amazônicas.

Para pessoas com deficiência visual, as possibilidades de acessibilidade sensorial dadas pelo tato, promovem importante inclusão social.

Por fim, de maneira geral, qualquer que seja o público impactado pelo projeto, as réplicas, na ampla atuação do projeto, servem ultimamente de elementos sensibilizadores no que diz respeito à preservação do patrimônio cultural, à inclusão social e à valorização da diversidade cultural.



FIGURA 6. Aula de desenho técnico e decalque de campos decorativos para alunos e alunas do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural, do MPEG, a partir de uma réplica artesanal. A coleção didática de réplicas da Reserva Técnica do Museu também oferece suporte para aulas práticas de metodologia arqueológica, no que toca à análise e reprodução gráfica de artefatos. Fotos: Erêndira Oliveira e Tobias Valente.

6 Discussão: a socialização do patrimônio arqueológico por meio das réplicas artesanais

Entendendo as particularidades culturais e históricas dos mais diversos coletivos sociais, e considerando também as diferentes faixas-etárias, percebemos que as ações devem necessariamente ter caráter diferenciado para que possam atingir, de forma efetiva, a esses públicos tão diversos. E é por isso que temos tido uma excelente repercussão junto a públicos tão distintos. As réplicas acabaram por não só dar visibilidade ao acervo arqueológico do Museu Goeldi, mas também proporcionar experiências que inserem de forma definitiva o tema na vida das pessoas e, através da experimentação sensorial com os objetos, tornam a arqueologia, o conhecimento das técnicas, dos estilos artísticos e de suas histórias cria uma referência definitiva para a interface das pessoas com outros objetos a seu redor, com a arte e o design, tanto do passado como do presente (BEZERRA, 2022).

Para além das coleções didáticas produzidas pelo projeto Replicando o Passado, o projeto traz uma nova vertente para esse debate que é a de envolver uma comunidade de artesãos altamente comprometida com esse patrimônio para a própria confecção de réplicas. Por isso, insistimos desde o início do projeto no termo “réplicas artesanais”, pois a produção das réplicas é primeiramente o resultado da interação de artesãos, com toda a sua bagagem técnica e artística, com um patrimônio originalmente distante no tempo. Assim, por mais que estas réplicas artesanais possam exibir pequenas diferenças em relação ao original, elas são motivadas pela intenção do artesão de compreender e reproduzir da melhor maneira possível a peça, como também uma forma de reverenciar um saber antigo.

Aqui, entendemos os ceramistas de Icoaraci como criadores e replicadores de conhecimento e que ao partilharmos e revermos com eles o conhecimento arqueológico sobre as peças originais, face aos seus próprios desafios técnicos e artísticos, este conhecimento é aprofundado e também, de certa forma, repassado aos próprios objetos/réplicas que estarão produzindo. Desta forma, o projeto se alinha à Arqueologia Colaborativa, no sentido em que se busca mais a troca mútua de conhecimentos do que um repasse unilateral de conteúdos. Dentro de uma proposta de arqueologia colaborativa, entendemos que seja fundamental o engajamento das ações do projeto com as questões sociais que permeiam a realidade na qual estamos trabalhando, a comunidade oleira do Paracuri. Questões que permeiam o desenvolvimento do projeto são: *“de que forma a pesquisa arqueológica é relevante para a sociedade? Quem tem acesso a ela? Quem é beneficiado e de que forma?”* (ATALAY, 2010; DE GODOY; SANTOS, 2017). É neste sentido que falamos em revitalização do patrimônio arqueológico (amazônico) e cultural (de Icoaraci) - e não apenas em sua preservação.

O projeto se alinha também às novas diretrizes da Política de Patrimônio Cultural Material do IPHAN (2018), e pelos princípios ali contidos, especialmente no que se refere à indissociabilidade dos bens culturais materiais patrimonializados e as comunidades que os têm como referência; à participação ativa da sociedade civil na elaboração de estratégias para a preservação do patrimônio cultural material; e à gestão do patrimônio cultural em rede entre instituições, a sociedade organizada, e os profissionais da área de preservação.

Ao propor formas criativas na extroversão dos acervos arqueológicos e culturais à sociedade se abre espaço, na vida das pessoas, para que esses acervos se tornem heranças, ativem memórias e criem tradições. Potencial que pode ser canalizado para promover não somente o reconhecimento e autodeterminação destas heranças, mas

também a inclusão social de grupos minoritários, o respeito à diferença e a valorização da pluralidade.

7 Conclusão

Replicando o Passado inaugura uma nova forma de prática colaborativa na extroversão da arqueologia amazônica, e também com impacto importante na sua preservação, uma vez que as coleções didáticas resultantes permitem poupar o manuseio e deslocamento das peças originais, podendo ser usadas em diferentes contextos didáticos, por vezes com vantagens de se poder explorar experiências sensoriais (permitindo ao público o manuseio das peças), recurso importante sobretudo em ações voltadas para deficientes visuais.

Além disso, hoje como uma tecnologia social já bem estruturada e em funcionamento, a experiência pode ser reproduzida em outros museus e em outras comunidades, de forma a replicar a experiência e capacitar outros coletivos. Tudo isso visando, ainda, garantir uma melhoria na acessibilidade e no acesso à informação arqueológica, através de formas práticas e eficazes na adequação do acervo no que tange à esfera da inclusão.

Referências

ATALAY, Sonya. 'We don't talk about Catalhoyuk, we live it': sustainable archaeological practice through community-based participatory research. *World Archaeology*. 42. 418-429, 2010.

BARRETO, Cristiana. Do teso marajoara ao sambódromo: agência e resistência de objetos arqueológicos da Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 15, 2020.

BARRETO, Cristiana. Corpo, comunicação e conhecimento: reflexões para a socialização da herança arqueológica na Amazônia. *Revista de Arqueologia*, n. 1, v. 26, p. 112-118, 2003.

BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; BETANCOURT, Carla Jaimes (orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Brasília: Iphan/Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016.

BEZERRA, Marcia. A urna bordada: artesanato e arqueologia na Amazônia contemporânea. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 15, 2020. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222011000100005>

DE GODOY, Renata; SANTOS, Emilly Cristine Barbosa. Restituição de acervos arqueológicos: novas soluções ou antigos problemas?. *Revista Arqueologia Pública*, v. 11, n. 2 [19], p. 98-113, 2017.

FUNDAÇÃO BB. 12ª Edição do Prêmio Fundação BB de Tecnologia Social. Manual de Inscrições. Novas Inciativas. Disponível em: <https://www.bb.com.br/site/tecnologiasocial/>

ICOM. Nova Definição de Museu. Definição aprovada em 24 de agosto de 2022 durante a Conferência Geral do ICOM em Praga. http://www.icom.org.br/?page_id=2776

ICOM. Original, Copy, Fake, *On the significance of the object in History and Archaeology Museums*. 22nd ICOM General Conference in Shanghai, China, 7-12nd November 2010.

IPHAN, Política do Patrimônio Cultural Material. Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização, 2018 In:
http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/publicacao_politica_do_patrimoni_o.pdf

LIMA, Helena Pinto. Potências e desafios da interculturalidade na pesquisa em gestão de acervos arqueológicos. *Museologia & Interdisciplinaridade*, no prelo. 2023.

LIMA, Helena P; BARRETO, C. e FERNANDES, C. Museus no século 21: ações para a salvaguarda e socialização do acervo do Museu Goeldi. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 38, p. 145-161, 2018.

LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristiana. Uma nova política para um antigo acervo: a redescoberta das coleções arqueológicas do Museu Goeldi. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 3, p. 43-62, 2020.

SCHAAN, Denise Pahl. Arqueologia, público e commodificação da herança cultural: o caso da cultura marajoara. *Revista de Arqueologia Pública*, n. 1, v. 1, p.19-30, 2006.

SOUZA, Doracy M. O trabalho dos artesãos ceramistas em Icoaraci, Belém/Pa: contribuições aos estudos sobre a dinâmica da Amazônia brasileira. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, 2010.

SOUZA LIMA, Marcelle Rolim. Replicando uma urna marajoara: iconografia, saberes e afeto. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v. 15, n. 1, p. 232-257, 2023.

SOUZA LIMA, Marcelle Rolim; BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto. História de vida de uma urna marajoara: reconectando contextos e significados. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 3, p. 396-418, 2020.

XAVIER, Leandro P. “Aqui... a gente não vende cerâmica, a gente vende é cultura”: um estudo da tradição ceramista e as mudanças na produção em Icoaraci – Belém – Pa. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2006.